

“Nossos pais, nossos avós, estavam com medo de contar a história”¹

TLAPÉ SURUI

Eu vou contar a história. Gosto de falar em pé, olhando para cada um.

Eu vou contar um pouco da nossa história, que nós acompanhamos, sobre a anistia, como aconteceu a guerrilha do Araguaia. Eu não participei diretamente, porque era criancinha. Na verdade, eu não existia. Mas tinha o meu pai, e minha família toda participou.

Através da história. Porque nós somos indígenas, e nossas histórias, nossos costumes, tudo, são passadas de geração e geração. Nós temos nossos momentos de rodas de conversa, de história, nas nossas festas, e assim nós vamos aprendendo e dando continuidade em todos os nossos rituais.

E quando a Comissão da Verdade começou, eu fui bolsista também da Comissão Nacional da Verdade (CNV), mas antes disso nós já tínhamos feito muitos depoimentos sobre o que aconteceu, essa ditadura lá região de Xambioá, e São Geraldo do Araguaia.

Então, quando nós fomos colher os primeiros depoimentos, o nosso povo, estávamos com medo de falar o que aconteceu, e contar nossas histórias, porque, hoje em dia, vocês sabem como são as perseguições. Nossos pais, nossos avós, estavam com medo de contar a história, pensando que era para ser preso, ou que alguma coisa aconteceria com eles. Mas, assim, a gente veio fazendo, conversando, depois veio essa Comissão Nacional da Verdade.

Antes disso, de a gente contar essas histórias, nós fomos muito enganados. Porque tinha um povo lá em São Domingos do Araguaia, que disse que era para nós contarmos as nossas histórias para eles serem anistiados, alguma coisa assim. Mas o nosso pessoal, cada vez que eles faziam depoimento ou alguma coisa, eles davam dinheiro para eles, e nunca saía nada. Mas, na verdade, estava sendo enrolado pelas pessoas que diziam que estava tudo certo. O processo nunca chegava em Brasília, mas depois que veio a Iara [Ferraz] e o doutor Gomes, advogado, fazer o depoimento mais aprofundado, e também pra chegar em Brasília, para poder o nosso pessoal ser anistiado. Então, assim, nós fizemos, eu, Tiapé Surui, Iara Ferraz, meu parceiro Ywinuhu Surui, Orlando Calheiros também ajudou muito.

Foram 16 processos que foram para Brasília, mas só 14 foram anistiados.

1 (N.E.) Título atribuído pelos organizadores do dossiê.

Só que, até hoje nós não ficamos muito satisfeitos, porque estes 14 que foram anistiados, foi individual, e nós queríamos que seja coletivo também. Porque, assim, nós estávamos com esse processo, e mesmo que fosse dinheiro, que não paga essa cicatriz que ficou no nosso meio. Porque de lá nós perdemos muito a nossa língua, o nosso costume, o nosso modo social também, a nossa organização. E, com isto, nós questionamos muito que o governo demarcasse um pedaço da nossa área que ficou fora até hoje *Tuapekuokawa*, onde que ficou nosso barro, do qual nós fazemos nossa cerâmica, ficou tudo fora. E isso não aconteceu com essa reparação. Isto que seria uma reparação coletiva, porque hoje nós entendemos que essa reparação individual que veio para os nossos 14 avós, pais, não foi suficiente, até mesmo porque a comunidade toda sofreu. Mesmo que eles foram, nossos pais, foram pegos para caçar esses que chamam de guerrilheiro, mas eles participaram sem saber o que estava acontecendo lá. Levavam para o mato; nossos pais, nossos avós, ficavam na aldeia sem saber se eles estavam vivos, se estavam passando bem lá com o Exército, que pegavam eles e levavam para ser mateiro deles.

Então, daí veio que eles sofreram muito, chegaram a comer charque cru, passaram frio, fome, tudo isso eles passaram nesse período da guerrilha do Araguaia. As mulheres não podiam nem sair da casa para fazer a colheita da batata na roça nem mesmo para buscar lenha pra cozinhar. Porque nós temos nas nossas roças, mas elas não podiam nem sair porque a aldeia estava toda rodeada de Exército. Cada avião passando por cima era tiroteio. Eles não podiam nem sair, na verdade eles estavam presos ali pelo Exército Brasileiro, presos na própria aldeia sem saber o que estava acontecendo. E depois voltavam de novo, mas sem saber o que estava acontecendo.

Em 2010 eu, Tiapé Surui, e Winuhu Surui fomos para a UFT em Porto Nacional, ver os nossos parentes, que são os Xerente. Eles queriam saber como é que nós conseguimos essa reparação, serem anistiados do nosso povo lá da Terra Indígena Sororó. Ao mesmo tempo, eles estavam querendo fazer também para ser anistiados e receber a reparação. Mas, hoje em dia, até agora nós estamos brigando ainda, que o governo e o Estado brasileiro também, que façam essa reparação coletiva nossa, que é a demarcação nosso pequeno território que ficou fora. É isso que vai ser uma reparação coletiva para nós, até hoje estamos esperando. Isso vai ser um momento muito grande, uma anistia muito mais esperada por nós, que é essa coletiva.

Hoje em dia, sem querer ofender ninguém, nossos governantes atuais estão ameaçando muito os nossos povos indígenas, porque vocês sabem que eles estão pensando só no capital, não na população em geral. Mas vocês, e nós, vamos respirar, porque nós estamos preservando este pequeno pulmão nosso que é a floresta. Quando acabar ela, nós não vamos respirar mais.

* * *

Debate (reação às intervenções da audiência)

- *A "comissão da verdade" aikewara e a pesquisa para a Comissão de Anistia*

A pesquisa foi de várias formas. A gente faz uma fogueira, mata uma caça, um porcão, alguma coisa, a gente chama os mais velhos, eles vão contando a história, a gente vai escrevendo, a gente vai registrando, tirando foto, gravando, e assim vai indo. A gente leva na escola, porque a gente tem as escolas nossas, eu sou professor, para eles contarem não só para mim, mas para os alunos irem aprendendo também e irem escrevendo.

Hoje nós estamos registrando tudo para a gente guardar, porque de primeira tudo guardado era tudo só mentalmente mesmo, mas quando a gente perde um ancião da nossa aldeia, o que ele tem de sabedoria sobre a cultura e tudo, o conhecimento, ele leva com ele. Então é por isso que nós estamos preocupados em fazer esse livro, para deixar registrado, não só para nós, mas também tem a universidade, vários alunos para ver e conhecer a nossa história, do povo brasileiro. Nós, que estamos aqui, estamos contando a nossa história, e não mais outras pessoas chegando e contando a nossa história, e escrevendo a nossa história. E é por isso que nós estamos estudando, para contarmos a nossa própria história. Se nossos pais não podem escrever, nós estamos escrevendo, eles vão contando, e a gente vai. Por isso é a ideia desse livro, para deixar registrado, não só a história da guerrilha, mas muitas que vão vir. Porque hoje em dia, nossa visão indígena, muita gente conhece através do livro, e livro que foi feito pessoa que nunca foi na aldeia, atravessador que pega na internet, e outras coisa aí.

Então, a gente tem que contar a própria história da gente, para ficar na escola, e ir mais para frente. É por isso que pedimos um apoio. Nós queremos publicar nosso livro sobre a guerrilha do Araguaia, para mostrar também que o pessoal conta de um jeito, e nós estamos contando de outro. E a verdade são nossas histórias, e não de outros que estão contando nossas histórias. Antes nossos pais estavam com medo de contar a história, mas agora não, porque, a gente conversando com eles, não só para ser anistiado, mas para mostrar para o povo brasileiro, e os americanos também, que fazem muita pesquisa também, como é que aconteceu mesmo a verdadeira história nossa. Então, é isso mais ou menos, assim que foi feito. Porque não foi só um momento, foram vários momentos. A Iara [Ferraz, N.E.] também estava lá fazendo.

Porque o nosso povo indígena, principalmente nós, povo Aikewara, eles só contam história para pessoa que ele tem confiança. Por exemplo, já foi muito enganado, como mencionei anteriormente, sobre a guerrilha do Araguaia. A história foi contada para muita gente, mas não deu o resultado. É por isso que nós, como a Iara fez o depoimento junto com nós, aí, sim, eles contaram a história bem, foi detalhado, e deu resultado.

Mas nós falamos que não foi completa, ficou a reparação incompleta, porque tem alguns não indígenas que estão recebendo essa reparação. Eles [camponeses e outros, N.E.] receberam esse valor x, e estão recebendo um salário até a última vida dele, e o nosso não, foi um padrão para todos. Assim, se ver essa reparação, que foi vítima de perder o filho nesse momento, era para ser uma reparação diferente do outro, mas acho que eles fizeram uma coisa geral para todo mundo. Mas o que nós esperamos mesmo é a demarcação da nossa terra que ficou de fora.

Porque esse conhecimento sobre a guerrilha do Araguaia eram poucos que sabiam, até mesmo dentro da nossa comunidade. Agora não, todo mundo está sabendo, porque está sendo trabalhado na escola. Por isso nós estamos precisando desse livro. Não para a nossa escola, mas para a universidade, para nossos parceiros que estão por aí.

Hoje, ultimamente mesmo, nós estamos precisando de mais uns braços para a causa indígena. O ATL [Acampamento Terra Livre, N.E.] que acontece todos os anos em Brasília reúne muitos indígenas reivindicando nossos direitos. Não só nossos direitos, mas para muitos que se beneficiam dessa floresta, do bem indígena, não só da floresta, mas dos conhecimentos tradicionais, da cultura indígena, porque muita gente vivencia esse momento de festa, da cultura, da comida. Então, nós queremos mais parceiros para nos ajudar.

Porque, sempre eu digo, muito não-indígena fala assim “Eu tenho sangue de índio”. Mas, agora, que nós estamos precisando, quem tem sangue de índio? Vamos brigar junto nesse momento contra nosso governante aí que está, como se diz, o “Ordem e Progresso” no tempo da Copa do Mundo... Mas a bandeira tem o verde, o amarelo e o azul, mas eles estão optando mais pelo amarelo, que é o ouro. A floresta, que eu vejo, está sendo esquecida, e que é a maior parte da bandeira nacional. Então, vamos abraçar essa causa, todos juntos. Nós estamos pedindo não só como parceiros, mas de emergência. Vamos salvar o planeta, os nossos rios, nossas florestas, nossos animais, que isso é o que vai dar mais vida para nós. Se a gente não tiver floresta, animais, até mesmo os insetos para pulverizar nossas plantações, daqui para frente vamos morrer todos.

- Igreja (evangélica) na aldeia

A igreja obriga a quem é evangélico a ser casado. Nós, indígenas, não, nós somos casados, mas não é negócio de papel – Iara conhece muito bem, é só parceiro mesmo. Por isso que quando nós [eu e Murué] vamos fazer alguma coisa, perguntam se nós somos casados, aí nós temos que optar que é solteiro, porque não é casado no papel. A igreja não, ela coloca muito que os evangélicos têm que ser casados. Igual, eu e Murué somos parceiros mesmo, porque não somos casados no papel, mas o casamento nosso é na cultura. O nosso casamento cultural estava meio apagado, desde lá quando veio essa questão da guerrilha, que impactou tudo. Mas aí depois eu optei para casar no ritual cultural mesmo: festa tradicional, comida, tudo tradicional. Daí os outros me viram fazendo, agora está todo mundo fazendo isso agora! Porque, alguma pessoa tem que dar o ponto inicial. Então, essa questão da igreja fala muito isso. Mas vejo que a igreja está quase dominando nosso modo de vida, em vários aspectos, na vida social, na cultura, na vestimenta – porque nós temos nossas vestimentas, para tempos de festa, de banho, tudo tradicional. Então, a igreja vem com isso, alguns pastores respeitam, mas outros querem “botar ordem na casa”. Só que a igreja é dentro da aldeia, mas que manda somos nós, e principalmente o nosso pajé. Nós temos nossas crenças diferentes dos evangélicos. Deus é um só, mas o ritmo de adorar a ele é diferente, cada cultura é diferente.

Tiapé Surui é professor da escola indígena Sawarapy Surui. Kursou a Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Estadual do Pará (UEPA) e especializou-se em Educação Escolar Indígena em 2018.

"NOSSOS PAIS, NOSSOS AVÓS, ESTAVAM COM MEDO DE CONTAR A HISTÓRIA"

Resumo: Em seu depoimento, Tiapé Suruí (Aikewara) lembra como seus parentes lhe contaram sobre a guerrilha do Araguaia, tendo relatado os sofrimentos que viveram naquele período, o que justifica que possam ser reparados coletivamente.

Palavras-chave: Aikewara; Guerrilha do Araguaia; Reparação.

"OUR PARENTS, OUR GRANDPARENTS, WERE AFRAID TO TELL THE STORY"

Abstract: In his testimony, Tiapé Suruí (Aikewara) recalls how his relatives told him about the Araguaia guerrilla, having reported the sufferings they lived during that period, which justifies that they can be repaired collectively.

Keywords: Aikewara; *Guerrilla* of Araguaia; Reparation.

RECEBIDO: 04/11/2019

APROVADO: 04/02/2020